

Samba

Resistência da cultura negra popular brasileira

Samba: resistance of the Brazilian popular black culture / Samba: resistencia de la cultura negra popular brasileña

RESUMO

O artigo analisa o tema “samba e repressão”, abordando a letra de *Me faz um denço*, composta por Zé Catimba e Martinho da Vila, censurada pela Divisão de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal, no ano de 1981. Buscamos pontuar o gênero musical samba como símbolo das resistências negras frente ao processo de invisibilidade das culturas da gente comum brasileira.

Palavras-chave: samba; censura; ditadura militar; resistências negras.

ABSTRACT

This article analyses the theme "samba and repression" focusing on the lyrics of *Me faz um denço*, composed by Zé Catimba and Martinho da Vila, censored by the Divisão de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal, in 1981. We aim to point out the samba music genre as a symbol of black resistance to the process of invisibility of the cultures of Brazilian ordinary people.

Keywords: samba; censorship; military dictatorship; black resistances.

RESUMEN

El artículo analiza el tema "samba y represión", abordando la letra de *Me faz um denço*, compuesta por Zé Catimba y Martinho da Vila, censurada por la Divisão de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal, en 1981. Buscamos anotar el género de la música samba como símbolo de resistencia negra al proceso de invisibilidad de las culturas del pueblo brasileño común.

Palabras clave: samba; censura; dictadura militar; resistencias negras.

Carlos Alberto Ivanir dos Santos

Doutor e pós-doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

ivanirdossantos.academia@gmail.com

Mariana Gino

Doutoranda em História Comparada pela UFRJ

mariana.gino@gmail.com

História recontada

Valeu Zumbi
O grito forte dos Palmares
Que correu terras céus e mares
Influenciando a abolição
Zumbi valeu
Hoje a Vila é kizomba
É batuque, canto e dança
Jogo e maracatu
Vem menininha pra dançar o caxambu
Vem menininha pra dançar o caxambu
Ô ô nega mina
Anastácia não se deixou escravizar
Ô ô Clementina
O pagode é o partido popular
Sarcedote ergue a taça
Convocando toda a massa
Nesse evento que com graça
Gente de todas as raças
Numa mesma emoção
Esta kizomba é nossa constituição
Esta kizomba é nossa constituição
Que magia
Reza ageum e orixá
Tem a força da cultura
Tem a arte e a bravura
E um bom jogo de cintura
Faz valer seus ideais
E a beleza pura dos seus rituais
Vem a lua de Luanda
Para iluminar a rua
Nossa sede é nossa sede
De que o apartheid se destrua
Vem a lua de Luanda
Para iluminar a rua
Nossa sede é nossa sede
De que o apartheid se destrua
Valeu
Valeu Zumbi

Kizomba, festa da raça, Martinho da Vila, 1988

No ano de 1988, o herói negro brasileiro Zumbi dos Palmares era imortalizado não só pelas lutas históricas do movimento negro brasileiro, mas também através das letras e versos do compositor Martinho da Vila com o samba *Kizomba, festa da raça*. Não por coincidência, o ano foi marcado pelas manifestações do movimento negro brasileiro sobre o centenário da abolição da escravidão no Brasil.

Em pauta, estavam as lutas por equidade racial em âmbito social, político e econômico entre brancos e negros, que, no decorrer dos anos que se seguiram à abolição, não foram resolvidas. Batizada de “marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo”, a manifestação do movimento negro brasileiro, ocorrida no dia 13 de maio de 1988 na cidade do Rio de Janeiro, colocava em questão todos os processos de invisibilidade e silenciamento histórico forjados pelo racismo estrutural.

Não obstante, por detrás da marginalização social do povo negro brasileiro estavam todas as interpretações simplistas e pejorativas em relação às culturas negras africanas que se “encontraram” em solo brasileiro e reconstruíram uma nova cultura, mas com aspectos de vários grupos étnicos africanos. Uma dessas visões foi criada pelo filósofo alemão Hegel.

Influenciada por Hegel, a visão do Ocidente sobre o continente africano se dava a partir da inexistência do fato histórico antes da colonização europeia, com a imagem de que os africanos teriam permanecido em estado de barbárie, selvageria e infantilidade até o “encontro” com os colonizadores europeus.

Assim, Hegel salienta que,

No tiene interés histórico próprio, sino el que los hombres vivea ali em la barbaria e el salvajismo, sin, suministrar ningún ingrediente a la civilización. Pot micho que retrocedamos em la historia, hallaremos que Africa estpa siempre cerrada ao contacto co ekresto del mundo; es um Eldorado recigido en si mismi, es el pais niño envuelto em la negrura de la noche, allende la luz de la historia conscuente. (Hegel, 1953, p. 187)

Em questão, também estava a possibilidade de reescrita de suas histórias à luz de suas experiências dentro de um processo descolonizador. Sobre a possibilidade de reescritas da história, Joseph Ki-Zerbo¹ pontua que

¹ Considerado o pai da historiografia africana em descolonização, Joseph Ki-Zerbo, de Burkina Faso, foi um dos responsáveis pela arquitetura da publicação dos oito volumes de *História geral da África* (Ki-Zerbo, 2010).

Não se trata aqui de construir uma história-revanche, que relançaria a história colonialista como um bumerangue contra seus autores, mas de mudar a perspectiva e ressuscitar imagens “esquecidas” ou perdidas. Torna-se necessário retornar à ciência, a fim de que seja possível criar em todos uma consciência autêntica. É preciso reconstruir o cenário verdadeiro. É tempo de modificar o discurso. (Ki-Zerbo, 2010, p. 32)

Assim, por trás de tal perspectiva de luta do movimento negro brasileiro, estava a tentativa de desvincular a história dos negros da concepção epistemológica frutificada pelo racismo científico, que entendia que um povo sem escrita é um povo sem passado, sem história e, igualmente, sem cultura – uma interpretação simplista e reducionista da complexidade efetiva da historiografia do continente africano.

Fortalecendo a perspectiva de identidade nacional, o samba, no início do século XX, desponta como expressão da cultura popular brasileira. Sobre a construção do samba, um gênero musical híbrido, Miguel Jost aponta que:

O samba, como foi formatado no início do século XX no Rio de Janeiro, acabou se tornando, por vários motivos, ponto pacífico em nossa sociedade como um dos agentes culturais que melhor representa o *ethos* brasileiro. Esse é um dado irrefutável da nossa história e que coloca o samba, de certa forma, como uma referência fundamental para os debates sobre nossa formação social. (Jost, 2015, p. 113)

Entretanto, a mesma manifestação cultural que passou a ser ponto de interseção entre a cultura popular e a cultura “oficial” foi, principalmente no período da ditadura militar, alvo de perseguições e cerceamento de liberdade. Como bem nos apontam os documentos, os processos de vigilância e censura sofridos pelo samba e pelas escolas de samba do Rio de Janeiro propõem uma perseguição pelo seu caráter popular. E é justamente pensando no caráter popular que pautamos as nossas análises sobre o samba *Me faz um denngo*, de autoria de Martinho da Vila e Zé Catimba, que passou por tentativa de censura no ano de 1981.

Sobre o samba da censura no Brasil na década de 1980

Perseguido por décadas, o samba, ritmo legitimamente brasileiro, resistiu a várias tentativas de cerceamento da liberdade de expressão e construiu uma cultura musical que tem pés e mãos mergulhados na gênese social da formação da sociedade brasileira e, principalmente, na cultura negra.

Sobre tal processo, Cruz (2010) salienta que

É preciso destacar que as relações entre censura e polícia *versus* samba e escolas de samba tem uma longa história, ou seja, este tipo de ação repressiva não nasceu com a ditadura militar, pós 1964. Longe disso, a presença do Estado e da polícia nas escolas de samba tornou-se uma realidade desde a oficialização dos desfiles destas agremiações em 1934 (apenas dois anos após o primeiro desfile das escolas de samba), quando já é possível encontrar evidências do olhar atento das autoridades para esta forma de expressão cultural e popular. (Cruz, 2010, p. 49)

Surgido no meio dos negros em situação de escravidão no Brasil, o ritmo sofreu o mesmo preconceito racial que seus criadores. Gênero musical que não é apenas um reflexo da história social do Brasil, o samba é também um rompimento da materialidade nas repressões culturais vigentes. O ritmo atravessa gerações e se reinventa a cada nova cadência composta pelos seus compositores, é símbolo e tradição viva, reinventada pelas resistências negras. Para um melhor entendimento do processo de construção do gênero musical samba como uma tradição (re)inventada, nos pautamos na teorização de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984), que apontam que:

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (Hobsbawm; Ranger, 1984, p. 9)

Destarte, para além de sua expressão como cultura popular, o samba é, antes de tudo, uma (re)invenção das resistências e negociações das camadas populares da cultura brasileira. Assim, como forma de argumentação contra a tentativa de censura ao samba *Me faz um denço*, os compositores, representados pelo advogado Octávio Alves, usam o caráter e a expressão popular do gênero musical, que tem como base de reflexão os cotidianos dos morros, guetos e comunidades da cidade do Rio de Janeiro.

Em 29 de junho de 1981, foi protocolado na Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça, o pedido de censura à letra de samba, que, segundo o técnico de censura responsável, apresentava conteúdo sexual e atentado à moral brasileira.



MJ - DPF - DCDP - BSB

- 1 JUN 09 20 5 007734

FICHADE
DCDP

RECEBIDO POR _____

A
CENSURA FEDERAL
N E S T A

Ilmº Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas DPF/SR/RJ.

A RCA ELETRÔNICA LTDA, com sede a Rua Barata Ribeiro, nº181 loja I, Copacabana, registrada neste órgão sob onº SCPD-DPF-001/69-SP, vem muito respeitosamente solicitar que sejam censuradas as seguintes letras:

T I T U L O

A U T O R E S

FINAL DE SEMANA	Luiz Fernando
SIGO SEM PRESSA	" "
NOITE CHEIA DE ESTRELAS	Cândido das Neves
ME FAZ UM DENGÔ	ZÉ Catimba - Martinho da Vila
DAQUELE AMOR, NEM ME FALE	João Donato - Martinho da Vila
TODOS OS SENTIDOS	Martinho da Vila
CALANGO DA LUA	" "
EX-AMOR	" "
MEU PAÍS	Rildo Hora - Martinho da Vila
DEPOIS NÃO SEI	Martinho da Vila
FIQUE COMIGO MAIS UM POUÇO	Gracia do Salgueiro
VELHA CHICA	Valdemar Bastos

*Receti em
21.07.81
Diretas*

NESTES TERMOS
P. DEFERIMENTO

Rio de Janeiro, 29 de Junho

de 1981

[Signature]
Genilson Barbosa
Identidade: 3.043.206
C.P.F. 264.408.227

*di. Off do SC
Pela mal li tenaco
de "Me faz um dengo"
conforme parecer anexo
E 03/07/81
Elite Dwyerite Cornilado
Madr. 2.415.791*

ME FAZ UM DENGO

De: Zê Catimba - Martinho da Vila

Me faz um denngo, me faz um xamego
Me tire o sossego
Me faz cafunê
Me faz um denngo, me faz um xamego
Me faz bem homem
Que eu te faço bem mulher
Se quiser me arranhe
Me agarre, me morda
Que eu me arrepio
Chegou quase a desmaiar
Então lhe lambo, lhe bolino toda
Te deixo bem doida a se desvairar

Amorzinho
Como é bom
Repousar nesse teu colo
Descansar da relação
E um carinho
Ao despertar
E depois novos afagos
Pra poder recomeçar

V E T A D O

SCDP-DFP-001-69-SP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.MUI.LMU.6257, p.15

PARECER Nº 4612 / 81

TÍTULO: "ME FAZ UM DENGÔ"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: NÃO LIBERAÇÃO

Autores: Zé Catimba e Martinho de Vila.

Examinamos a letra musical em epígrafe, pertencente ao Processo nº 7.734/81-DCDP, oportunidade em que constatamos que a temática abordada refere-se ao comportamento de duas pessoas durante a realização do ato sexual, compreendendo as fases distintas do prelúdio e do término do referido ato.

Por assim ser e por considerarmos ainda que a forma com que os autores se expressam tornam a letra extremamente maliciosa, propomos a sua não liberação, por contrariar os preceitos normativos contidos na legislação censória em vigor.

Brasília-DF., 01 de julho de 1981.


Sergio Roldan de Oliveira
Mat. 2.405.397
Técnico de Censura

De Acordo.

Em: 02 de Jul de 1981

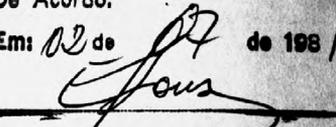

Eliel Jose de Sousa
Matr. 2.035.665

Figura 1 – Pedido de censura às letras musicais

Figura 2 – Letra de *Me faz um denço*

Figura 3 – Parecer 46/2/81, da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Inscrito no fundo arquivístico Divisão de Censura de Diversões Públicas,² o documento possui vinte e seis páginas. Como podemos perceber, o pedido de censura foi aberto constando doze letras de sambas, com seus respectivos compositores.

No decorrer de nossas análises sobre os documentos, percebemos que apenas os compositores Matinho da Vila e Zé Catimba ousaram ir contra o sistema de censura da década de 1980 e entraram com representação junto à DCDP solicitando a liberação do samba. O processo transcorreu entre os dias 29 de junho e 18 de setembro de 1981, data em foi dado o veredito final.

O parecer de número 46/2/81 (Figura 3), foi assinado em Brasília, no dia 1º de julho de 1981, pelo técnico de censura Sergio Roldan de Oliveira, indicando a sua não liberação com base na Lei de Censura.

Em resposta a tal acusação de imoralidade da letra de samba, o advogado Octávio Alves, representante legal dos compositores, pondera em sua arguição escrita que:

“Com efeito, a nova letra, na maliciosa mensagem do morro – berço do samba, gênero musical do qual os autores são legítimos e consagrados criadores, guarda sua origem, porém, em nível de imagem poética, cantada em versos cuja linguagem gramatical é despida de qualquer sentido censurável, por isso, não devendo ser condenada ao ineditismo em homenagem à arte, maior patrimônio cultural de uma nação”.

Assim sendo, podemos perceber que os indícios da argumentação da defesa também nos possibilitam, de forma indireta, concluir que, por trás da acusação de imoralidade, estava estabelecida uma análise preconceituosa e marginalizada das experiências sociais, da gente comum dos morros, guetos e comunidades da cidade do Rio de Janeiro, que têm no samba uma possibilidade para cantar suas dores, seus amores e anseios sociais.

Na data de 18 de setembro de 1981, a DCDP autorizou a liberação da veiculação do samba composto por Martinho da Vila e Zé Catimba, após a reformulação da letra da música. Abaixo, podemos as mudanças feitas para liberação do samba *Me faz um denço*, com grifos nas modificações:

2 Arquivo Nacional, Fundo Divisão de Censura de Diversões Públicas, BR_DFANBSB_NS.CPR.M UI.LMU.6257.

**Letra da música *Me faz um dengo*
antes da censura de 1981**

Me faz um dengo me faz um chamego
Me tira o sossego

Me faz cafuné
Me faz um dengo me faz um chamego
Me faz bem homem que eu te faço bem
mulher

Se quiser me arranhe
Me agarre e me morda
Que eu me arrepio

Chego quase a desmaiar
Então lhe lambo, lhe bolino toda
Te deixo bem doida a se desvairar

Amorzinho
Como é bom
Repousar nesse teu colo
Descansar da relação
E o carinho
Ao despertar
E depois novos afagos

Pra poder recomeçar

**Letra da música *Me faz um dengo*
depois da censura de 1981**

Me faz um dengo me faz um chamego
Me tira o sossego

Me faz cafuné
Me faz um dengo me faz um chamego
Me faz bem homem que eu te faço bem
mulher

Se quiser me arranhe
Me agarre e me morda
Que eu me arrepio

Chego quase a desmaiar
Te dou um beijo te ouriço toda
Te deixo bem doida a se desvairar

Amorzinho
Como é bom
Repousar nesse teu colo
Descansar da relação
E o carinho
Ao despertar
E depois novos afagos

Sobre os compositores

Martinho da Vila: o sambista doutor *honoris causa* da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Um dos objetivos mais contundentes da perspectiva da história vista de baixo é dar voz e evidência às construções das personagens históricas marginalizadas, gente comum, que provavelmente não estaria nos registros históricos oficiais. Assim, rompendo com todas as perspectivas políticas e sociais que pudessem colocar o indivíduo negro apenas como objeto, ao evidenciarmos a trajetória do compositor Martinho da Vila e enaltecermos sua obra, reconfiguramos os códigos históricos sociais e fomentamos a reescrita das nossas negras histórias.

Filho de Josué Ferreira e de Tereza de Jesus Ferreira, o sambista, compositor, poeta, escritor, homem negro, Martinho José Ferreira,

também conhecido por Martinho da Vila, nasceu no município de Duas Barras, interior do estado do Rio de Janeiro. Aos 81 anos de idade, carrega em sua trajetória mais de 14 obras, que permeiam da política à cultura popular brasileira.

Martinho fez da sua comunidade sua escola literária e aprendeu a engatinhar sobre as melodias da gente preta das periferias. Gente preta que com grande maestria transforma versos de resistências em sambas e rimas, ritmados pelo som dos pandeiros e acordes das violas e violões. E foi assim que, na década de 1950, “da Vila” dedilhou seus primeiros versos para compor o samba-enredo em homenagem aos cinquenta anos da morte de Machado de Assis. O mergulho histórico e literário sobre a vida e obra do escritor negro lhe proporcionou um encontro frutífero com a poesia e literatura machadiana e, de lá para cá, compor, para Martinho, passou a ser a fabricação de poemas, poesias harmônicas casando em samba e carnaval.

A partir de suas experiências, Martinho tomou como objetivo aproximar os jovens brasileiros dos debates políticos do país, por isso, em seu primeiro livro, *Vamos brincar de política*, publicado em 1986 pela editora Globo, buscou fazer um profundo mergulho reflexivo sobre o cenário que se delineava no país – em uma época em que o Brasil ainda vivia os reflexos dolorosos da amarga experiência da ditadura militar, que tentou solapar não só os processos de resistências, mas também a cultura popular brasileira. Martinho da Vila viu suas obras serem publicadas em âmbito internacional: *La légende de Chico Rei*, um grande trabalho em coautoria com a escritora Beatrice Tanaka, *Os lusófonos*, reeditado em Portugal, assim como *Joana e Joanes: um romance fluminense* e *Ópera negra*, traduzidos para o francês.

Da Vila nunca fugiu aos seus, e, como grande compositor, escreveu vários sambas-enredo e temas-enredo para o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, sua escola de samba do coração. Foi parceiro do carnavalesco Alexandre Louzada na criação do enredo *Soy loco por ti, América: a Vila canta a latinidade*, que o consagrou e deu o título de campeã de 2006 à Unidos da Vila Isabel. Já no ano de 2013, em parceria com a carnavalesca Rosa Magalhães, compôs o *A Vila canta o Brasil celeiro do mundo – água no feijão que chegou mais um...*, que também deu o título à escola.

Destarte, em 1988, ano de comemoração do centenário da abolição da escravidão, Martinho concebeu e planejou toda a estrutura do desfile com o enredo *Kizomba, festa da raça*, que lhe deu seu primeiro título de campeão. Além dos inúmeros títulos ganhos junto à escola de samba, o

filho de Josué Ferreira e de Tereza de Jesus Ferreira foi condecorado com as honorarias Ordem do Barão do Rio Branco, Ordem do Mérito Cultural, Grande Medalha da Inconfidência e Medalha Presidente Juscelino Kubitschek.

Com o intuito de promover a relação e a integração entre as comunidades artísticas negras brasileira e africana, Martinho da Vila produziu o evento intitulado O Canto Livre de Angola, que, em 1982, trouxe a primeira delegação de artistas africanos ao Brasil. Dois anos depois, liderou o grupo Kizomba, que realizou o I Encontro Internacional de Arte Negra no país. O evento aconteceu no pavilhão de São Cristóvão e contou com a participação das delegações de Angola, Moçambique, África do Sul, Senegal, Cabo Verde, Cuba e Estados Unidos.

No ano de 2015, Martinho foi o escritor convidado especial da terceira edição do evento literário Flink Sampa, construído para fomentar a valorização da cultura negra. Na ocasião, o compositor foi homenageado pela Universidade Zumbi dos Palmares, de São Paulo, e recebeu o prêmio Troféu Raça Negra, na sua 13^a edição. O compositor também foi honrado com os títulos de embaixador cultural honorário de Angola, embaixador da boa vontade da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), além de ocupar uma cadeira na Academia Carioca de Letras e ser membro do PEN Internacional e da Divine Academie Française de Arts, Letres e Culture.

Assim, saindo de uma possível marginalidade histórica, Martinho da Vila rompe com todos os processos de preconceito racial, com base na assimetria da cor, para se tornar um dos maiores exemplos e motivadores para a valorização da cultura popular afro-brasileira e africana. Da Vila rompe com as ideias de inferioridade intelectual e biológica da raça negra, difundidas no século XIX por cientistas europeus.

Martinho opõe-se aos quadros sociológicos de expectativa de vida dos jovens negros brasileiros, ao transformar música em resistência. Da Vila, “devagar, devagarinho”, rompe com a ideia de vitimização dos negros e torna-se fomentador da cultura brasileira, potencializando e canalizando encontros além-atlântico entre os negros e negras em diáspora e africanos, conquistando fronteiras além dos muros da comunidade de Vila Isabel.

De Zé Catimba a Zé Katimba

Nascido em Guarabira, no estado da Paraíba, em 11 de novembro de 1931, José Inácio dos Santos é um dos maiores compositores de samba-enredo brasileiros. Zé Catimba, que atualmente grafa seu nome artístico como Zé

Katimba, participou da fundação da Imperatriz Leopoldinense e, desde então, faz parte da ala de compositores da agremiação.

Katimba fez parcerias musicais com boa parte dos sambistas e compositores brasileiros, dando a suas letras voz e expressão musical com Martinho da Vila, Zeca Pagodinho, Emílio Santiago, Elimar Santos, Demônios da Garoa, João Nogueira, Agepê, Simone, Julio Iglesias, Alcione, Leci Brandão, Elza Soares e Jorge Aragão. Poeta dos morros, guetos e vielas marginalizadas, Katimba é considerado um mestre do samba com suas letras profundas, que buscam recompor os cenários cotidianos da cidade do Rio de Janeiro, invisibilizados pelo preconceito, marginalização social e intolerância. Entre prêmios e homenagens recebidos pelo sambista compositor em sua trajetória, destacamos a Medalha Pedro Ernesto (2009), umas das maiores honrarias concedidas pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro; e a Medalha Osmar de Araújo Aquino (2013), pela prefeitura de Guarabira, cidade natal de Zé Katimba. No mesmo ano, também foi agraciado com o Estandarte de Ouro e eleito Cidadão Samba, numa votação realizada pela internet, da qual participaram mais de 30 mil pessoas. Durante o desfile das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro, Katimba foi eleito Personalidade do Ano pelo júri do prêmio, organizado pelo jornal O Globo.

No dia 20 de novembro de 2014, dia em que se rememora a imortalidade de Zumbi dos Palmares e o Dia da Consciência Negra, Katimba foi agraciado com uma homenagem no Quilombo dos Palmares, com a Medalha Zumbi dos Palmares, aprovada naquele ano pela Câmara Municipal de Niterói.

Foi só no ano de 2015 que Zé Katimba lançou seu primeiro disco, intitulado *Minha raiz, minha história*. A obra recebeu as participações especiais de Martinho da Vila, Zeca Pagodinho, Diogo Nogueira e Monica Mac. Entretanto, antes de gravar o seu primeiro disco, o sambista compôs e fez inúmeras parcerias musicais com Martinho da Vila, entre elas o samba *Me faz um denço*.

Considerações finais

O samba como resistência é uma agenda social que, desde o século XX, vem sendo apontada pela literatura brasileira. Não podemos deixar de pontuar que os processos de tentativa de silenciamento e invisibilidade do samba como um gênero musical que expressa a sociedade brasileira, de baixo para cima, também é um projeto político e social, uma vez que tais investidas de cerceamento têm como pano de fundo as disputas pelas

narrativas que se pretendem oficiais. O samba é um dos maiores processos de negociações e construções de uma cultura musical negra no país. E é nas brechas dos sistemas que as lutas em prol da valorização e promoção das culturas negras brasileiras sobrevivem, resistem e existem.

Fonte

Arquivo Nacional. Fundo Divisão de Censura de Diversões Públicas

Referências

- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HOBBSAWM, Eric J. *Sobre história*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CRUZ, Tamara Paola dos Santos. *As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar: memórias e esquecimentos*. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História Geral da África I*. Brasília: Unesco, 2010.
- _____. *História da África Negra I*. Lisboa: Publicações Europa-América, 2002.
- LOPES, Carlos. A pirâmide invertida – historiografia africana feita por africanos. In: ACTAS do colóquio "Construção e ensino da história da África". Lisboa: Linopazas, 1995. p. 21-29.
- PERLMAN, Janice E. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Tradução Waldívnia Marchiori Portinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Lecciones sobre la filosofia de la historia universal*. Madri: Revista de Occidente, 1953.
- HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Tradução Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JOST, Miguel. *A construção/invenção do samba: mediações e interações estratégicas*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 62, p. 112-125, dez. 2015.

Recebido em 30/4/2019

Aprovado em 5/11/2019